

Pesquisa estuda controle de praga por adubação

Intercambista do Programa do Ministério da Educação, Virgínia deixou família em Moçambique para se aprimorar e aplicar a pesquisa em sua terra natal

BIA BOTELHO

Dedicação e esforço não faltaram para a estudante moçambicana Virgínia Sousa realizar o Mestrado na UEL. Defendido no final de fevereiro junto ao Programa de Pós-Graduação em Agronomia, do Centro de Ciências Exatas (CCA), o trabalho abordou o manejo de pragas em sistema orgânico, com o tema “Desenvolvimento do ácaro rajado (*Tetranychus urticae* Kock) em morangueiro sobre diferentes doses e fontes de fertilizantes orgânicos”.

A pesquisa foi orientada pelo professor Maurício Ventura, do Departamento de Agronomia. Orientando uma estrangeira pela primeira vez, o docente afirma que Virgínia mostrou muito compromisso com o Mestrado. “Ela é exemplo. Não atrasou nenhum dia. Tudo o que era dificuldade ela foi ultrapassando”, explica. A estudante conta o motivo: “Eu não vim para decepcionar. Vim para fazer o meu máximo. E pensava: não posso decepcionar o professor”.

Virgínia é a terceira estudante proveniente de Moçambique recebida pela Pós do CCA pelo Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), do Ministério da Educação (MEC). O PEC-G visa à capacitação de pesquisadores e profissionais vindos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém Acordo de Cooperação Educacional, Cultural ou de Ciência e Tecnologia. Os pós-graduandos recebem bolsas de estudos CAPES/MEC e CNPq durante os anos de estudo.

A estudante deixou família, uma filha de seis anos, e veio ao Brasil buscar formação. Escolheu o país pela proximidade com a língua, pela produtividade agrícola brasileira ser referência e também pela similaridade entre as condições climáticas do Paraná e da região onde vive. “Moçambique é grande, tem zonas quentes e frias, e se produz de tudo. Dependemos da agricultura tradicional, mas

ainda estamos engatinhando nessa questão de mecanização e vai levar tempo”, afirma.

Virgínia estudou uma praga mundial, a *Tetranychus urticae* Kock, que possui uma gama de hospedeiro e está em todos continentes. O foco da pesquisa foi controlar essa praga por meio da adubação.

“A gente sempre olha a adubação como questão de produtividade, mas não olha como ela pode influenciar em outros fatores. Com a própria planta eu consigo controlar a praga, sem necessariamente usar produto químico, a partir da adubação orgânica”, explica. O trabalho visa contribuir com os pequenos produtores, com a possibilidade de que a agricultura possa ser realizada com os recursos que a Natureza oferece.

Segundo Virgínia, a pesquisa poderá ser aplicada na produção agrícola da região onde vive e que possui diversos pequenos produtores. “Meu trabalho vai contribuir bastante, vai envolver todo esse grupo, até os médios e grandes produtores. A preocupação é pensar na questão ambiental, na saúde e na geração futura”, afirma.

Formação - “Eu volto daqui muito madura do que vim, tanto mentalmente, quanto em

conhecimento e na maneira de ver as coisas. Tive oportunidade de fazer outras pesquisas e cursos para engrandecer ainda mais a minha formação. Volto daqui muito crescida”, analisa Virgínia.

O orientador conta que a estudante chegou com algumas dificuldades, sem ter visto alguns conteúdos na graduação em Moçambique. Além disso, nunca tinha apresentado trabalho, nem escrito uma pesquisa de iniciação científica. Por este motivo, além das aulas e da pesquisa, a estudante moçambicana recebeu treinamento diversificado.

“A gente teve o cuidado na formação dela, além da dissertação, para que ela trabalhasse com outras coisas. Ela fez estudos com controles biológicos, porque a gente não sabe o que ela vai fazer quando retorna para Moçambique. A certeza é de que ela teve uma boa formação e volta em condições de ser professora e pesquisadora”, explicou o orientador Maurício.

Virgínia afirma que foi difícil entrar no ritmo de estudo e exigia muito de si mesma para fazer mais. Ela reconhece que foi muito importante tudo o que aprendeu e quer colocar em prática. “Vou me

espelhar no professor e trabalhar com essa área, seja na universidade ou direto com produtores. Quero ensinar o que aprendi aqui”, conta.

A estudante teve a oportunidade de conhecer centros de referência em pesquisa do país, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR). Com isso, também formou rede de contatos, fundamental para sua atuação como pesquisadora, segundo Maurício.

Além disso, a moçambicana teve como atividade extra o convívio com outros estrangeiros, por meio dos encontros realizados pela professora Viviane Furtoso, do Departamento de Letras Estrangeira Modernas, do Centro de Letras e Ciências Humanas. “Eu estudava no CCA, mas estava sempre no CCH. O convívio me ajudou bastante na parte emocional e foi muito acolhedor”, relata.

A estudante se diz agradecida pela oportunidade de complementar os estudos no Brasil, pelos professores da graduação e da pós-graduação, e de todos os que estiveram presentes na formação. Ela retorna este mês para Moçambique.

Virgínia é a terceira estudante proveniente de Moçambique recebida pela Pós do CCA pelo Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), do Ministério da Educação (MEC)

